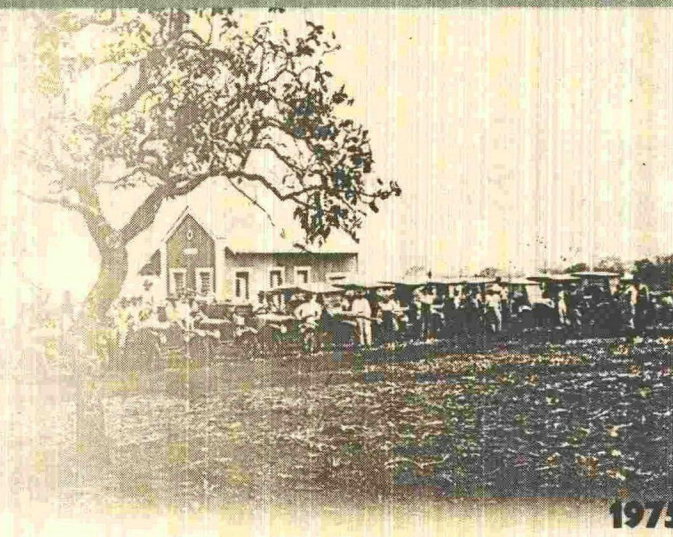




2006

PLANALTINA

ONDE MORA ERASMO DE CASTRO



1975

Esta “tal modernidade” atirou no esquecimento a rica cultura sertaneja da cidade colonial

Das bandeiras à viola caipira

CAROLINA CARABALLO

DA EQUIPE DO CORREIO

Quando Erasmo de Castro nasceu, em 1931, Planaltina era uma vila ligada ao governo goiano. O homem cresceu junto com a cidade. Viu casas serem erguidas em volta de uma igreja, observou com curiosidade a mudança da capital para Brasília, acompanhou o desenvolvimento da cidade natal, que se tornou região administrativa do Distrito Federal em 1964. Aos 75 anos, Erasmo canta as lembranças da juventude ao som da viola caipira e tenta manter antigas tradições, como a dança do catira. “A gente tenta matar a saudade do tempo em que isso aqui era sertão, era cerrado goiano”, diz.

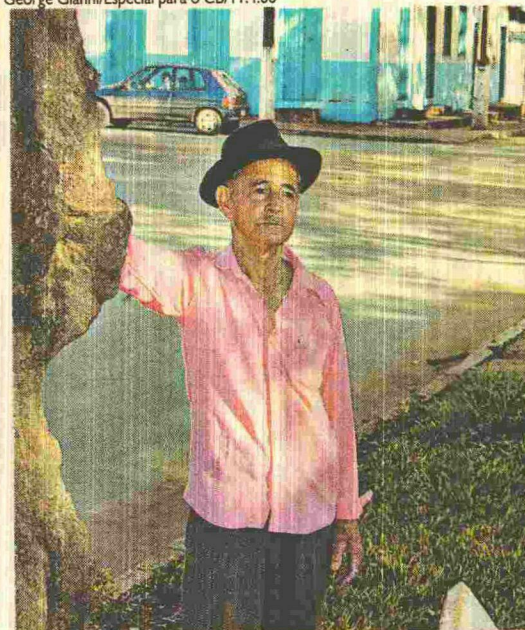
A primeira cidade do DF surgiu com a chegada de bandeirantes paulistas à região no século 18. Em busca de ouro, os forasteiros construíram pequenas propriedades ao redor da Igreja de São Sebastião, uma pequena capela edificada por fazendeiros lo-

cais que resiste até hoje. A comarca foi batizada de Arraial Mestre D’Armas. Em 1910, vila foi rebatizada de Altamir, que significa “boa miragem”. O nome Planaltina só apareceu sete anos depois, em homenagem ao planalto onde a cidade está localizada.

Parte da infância de Erasmo foi vivida na fazenda, solto no mato, entre banhos de rio e passeios no lombo do cavalo. Na época, a maioria das famílias da região viviam da agricultura e da pecuária. Os atrativos da vida no campo faziam com que Erasmo só saísse das terras da família para assistir aulas na Escola Estadual de Planaltina, onde cursou até a 4ª série do ensino fundamental, e participar das missas na Igreja de São Sebastião, tombada pelo patrimônio em 1982. “Planaltina cresceu ao redor dessa igreja, a primeira construída por na região. Aqui eu fui batizado, fiz primeira comunhão e comemorei bodas de ouro”, conta. “Só não casei aqui porque naquela época era difícil encontrar padre na cidade. Tive que ir para Formosa (Goiás).”

Aos 7 anos, Erasmo se mudou “pra dentro da cidade” com pai, mãe e 13 irmãos. As ruas cobertas

George Gianni/Especial para o CB/11.4.06



por canela-de-ema e cascalho eram desbravadas pelo menino e seus amigos. A diversão era passear por Planaltina e terminar o dia no córrego Mestre D’Armas. “Mas nenhuma mãe gostava muito da idéia, porque o rio era cheio de cobras. Que menino liga para esses perigos, né?”, comenta Erasmo.

Nem parafuso

Até o surgimento de Brasília, tinha população típica de povoados do interior, com taxas de crescimento modestas. Erasmo acompanhou as mudan-

Erasmo de Castro viveu parte de sua infância na fazenda, tomando banho de rio e passeando no lombo de cavalos. Quando se mudou para a cidade, as ruas ainda eram ocupadas por canelas-de-ema e as crianças nadavam no Córrego Mestre D’Armas

ças trazidas pelo passar dos anos com um misto de pesar e alegria. “O desenvolvimento é bom. Temos mais saúde, educação, transporte. Esse negócio de coletivo é uma beleza”, ressalta. O desenvolvimento, no entanto, não fez de todo bem para Planaltina. Erasmo culpa a “tal modernidade” pelo esquecimento da cultura da cidade. O catireiro observa que o abandono das tradições está aparente na atual arquitetura de Planaltina. As casas em estilo colonial – “feitas à moda antiga, toda de madeira, sem pregos nem parafusos” – deram lugar a construções de alvenaria. O cimento transformou a antiga escola estadual em um hotel com fachada chamativa; a casa onde Erasmo nasceu, na Rua Hugo Lobo, cedeu espaço a uma igreja evangélica.

Quando bate a saudade da arquitetura antiga, o homem senta nos banquinhos da praça Salviano Monteiro Guimarães e admira a Casa do Idoso – espaço onde a terceira idade se dedica ao artesanato e participa de bailes. “A casa é linda, até o telhado é original. Acho que a cidade estaria mais bonita com as construções originais”, lamenta.